

PRESENTE
CONSOADA

Natal em casa com presentes, luzinhas e bacalhau?

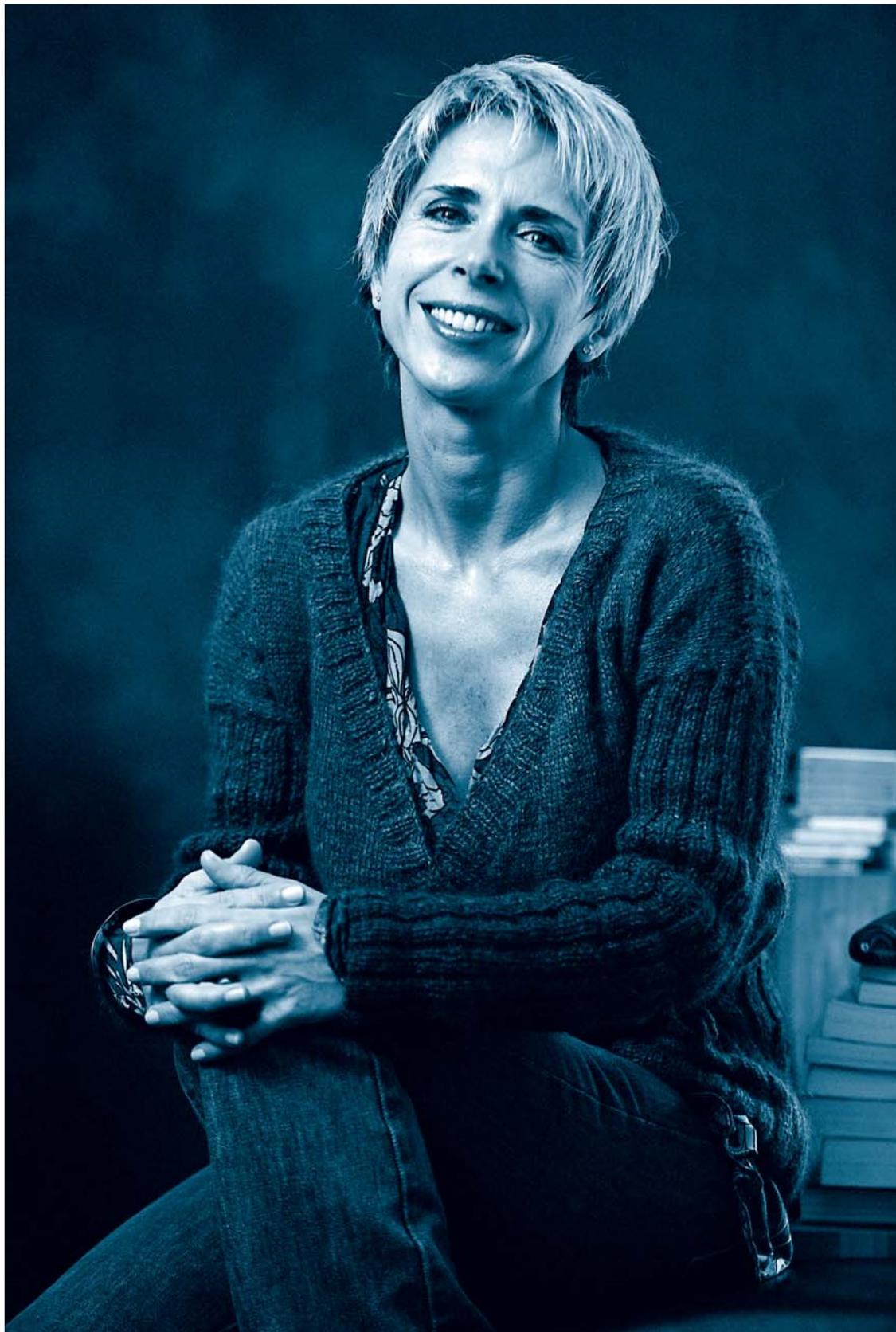
Há quem viva o Natal numa outra lógica que não a da consoada tradicional, com familiares e o bacalhau. Quem não goste da obrigação de trocar prendas, prefira viajar, ver um bailado ou uma ópera, fazer esqui ou, simplesmente, não assinalar a data. TEXTOS DE **KATYA DELIMBEUF**

Isso já era...



“O Natal ideal é dentro de um avião,
a caminho de um destino quente”

Clara Ferreira Alves



“O NATAL nunca foi uma data que eu apreciasse. Assim que descobri que o Pai Natal não existia, perdeu a graça. Quanto ao nascimento de Cristo, não precisa de ser comemorado com prendas inúteis e corrida às lojas. Penso mesmo que a melhor forma de não comemorar o nascimento de Cristo é fazer o que fazemos todos os anos pelo Natal: enterrarmo-nos em dívidas e oferecer tudo o que de mais inútil nos passa pela cabeça. Gosto do Natal em silêncio, se possível bem longe das luzes da cidade. Gosto de ver as ruas enfeitadas e iluminadas e, nos dias do Natal, fugir-lhe. Um país quente é a minha fuga favorita.

Deixei de celebrar Natais quando a minha mãe morreu. Os últimos Natais com ela foram muito difíceis, ela estava muito doente, e associo-os a hospitais e tristeza. Nunca mais me libertei deste sentimento. Antes de ter o meu filho, quando era livre e não tinha responsabilidades, fugia do Natal para países árabes, onde não existe Natal, ou para Jerusalém, onde o Natal existe entre privação e guerra. O meu sonho era passar um Natal a andar de avião, de um país frio para um país quente. Ou passar a meia-noite num aeroporto festivo, cheio de passageiros nocturnos, como o do Dubai. Uma plataforma para a Ásia e o Extremo-Oriente. Imagino-me a olhar os placards e escolher um destino a meu gosto, das várias ofertas. Japão, ou Mongólia, onde nunca fui. O pior é o frio. Não se pode ter tudo, nem no Natal.

A véspera de Natal mais bizarra passei-a a trabalhar. Na redacção do Expresso, dia 24 de Dezembro. Foi numa altura difícil do jornal, em que o ‘Público’ tinha levado a maioria dos jornalistas da casa. Saí da Duque de Palmela depois da uma da manhã.”



“Gosto da calma do Natal branco”

Paulo Portas

“AS MINHAS memórias de criança são intensamente felizes. O Natal, tantos Natais, eram a comarca dos mais velhos e a festa dos mais novos. Chegamos a Dezembro, todos partíamos para o Alentejo, onde os avós, incansáveis de bondade, tinham tudo preparado para nos receber. Éramos muitos lá em casa; a trabalhadeira que dávamos só era compatível com o meticuloso comando da nossa avó. Até que um dia, exactamente de Natal, essa alegria se tornou mais breve e mais triste. Foi o dia em que perdemos a avó. A partir dessa data, de há 24 anos para cá, passámos — eu e a minha mãe — a ir para a neve. A minha mãe adora; eu não gostava particularmente, por causa do frio, hoje sou fã. Tornou-se um ritual. Partimos por volta de dia 22, voltamos a 3 de Janeiro. Todos os anos mudamos de estância de esqui. França, Itália, Suíça, Áustria... Não conheço todas as estâncias europeias, mas conheço muitas. Cortina d'Ampezzo tem talvez o melhor *après-ski*, mas arriscamo-nos a não ter neve. Cervinia, nos Alpes italianos, é óptima do ponto de vista desportivo. Só não faço pistas pretas, de resto faço tudo, embora não aprecie o “fora de pista”. Também gosto imenso de ver concursos de saltos, os campeonatos que se vêm na televisão ao domingo de manhã. Há uns anos, na pista, apanhei



com uma japonesa que não sabia esquiar em cima, não houve um embate por milagre. Na noite da consoada, a minha mãe e eu ceamos o melhor possível. Trocamos prendas e depois vamos à Missa do Galo, a que já assistimos em todas as línguas. Dia 25, faço esqui de manhã e depois vamos sempre almoçar à montanha. Gosto do frio e do sol, da calma do Natal

branco. Há imensa gente nas estâncias nesta altura, é preciso marcar com antecedência, em Setembro, Outubro. Ainda hoje, estas férias na neve são dias em que ganho uma paz e um recuo que dificilmente consigo repetir noutra altura ou noutra sítio. Não vejo televisão, deixo o telemóvel no quarto, desligo. É um Natal que apenas mudou de lugar e de cor.”

“Ofereço-me de prenda
o que mais gosto: viagens e arte”

Manuel Luís Goucha



“OS MEUS MELHORES Natais têm sido passados fora, a ver bailados ou concertos. Em Paris, em plena noite da consoada e no dia de Natal, há sempre bailado na Ópera Garnier e/ou na Bastilha. ‘Paquita’, ‘Bela Adormecida’ ou o inevitável ‘Quebra-Nozes’ são cartazes habituais. E as lotações esgotam com milhares de pessoas. Às 22h30, terminados os espetáculos, as pessoas dirigem-se para as suas ceias em casa ou para os restaurantes, a abarrotar. A primeira noite de Natal que passei em Paris foi há uns 20 anos. Levei comigo um sobrinho e fomos para a Eurodisney. Perto da meia-noite, andávamos perdidos no labirinto da Alice no País das Maravilhas. Terminámos a ceia numa reconstituição dos tempos de Bufallo Bill, comendo rancho em vez de bacalhau cozido com todos — que aliás dispenso. O que eu me diverti... talvez até mais que o meu sobrinho!

Poder fazer o que gosto nesta quadra, ainda por cima quando faço anos no próprio dia 25, dá-me uma felicidade dificilmente traduzível por palavras. Paris é sem dúvida a cidade onde mais Natais passo. Já o passei em Nova Iorque, na Missa do Galo, na Catedral de St. Patrick, na 5.^a avenida. Nem sempre passei o Natal com outras pessoas. Lembro-me de um concerto em Amesterdão, na maior sala de concertos da cidade, onde quase de certeza seria o único português. Não entendia uma palavra de holandês, mas a música, essa, é universal. E fui feliz também naquela noite de Natal, comigo próprio.

Na minha família, nunca fomos mais que quatro no Natal. Sou filho, neto e sobrinho de tios separados — por isso, a ideia da família numerosa reunida à mesa não existe nas minhas memórias. Daí ter criado mais tarde um Natal à minha medida, dando-me de prenda o que me faz viver: viagens e arte.”

“Em Londres, conseguimos atenuar a dor da ausência do meu pai”

Maria Elisa Domingues



“AO CONTRÁRIO do que se possa pensar, pelo facto de há 18 anos passar o Natal em Londres, sou uma pessoa muito natalícia. Compro prendas o ano inteiro e normalmente quando chega a quadra já tenho tudo atribuído. Mas desde que o meu pai morreu, precisamente há 18 anos, a decisão de irmos passar o Natal fora foi imediata. O meu pai era daquelas pessoas que enchia uma casa. Morreu em três dias, de forma súbita e inesperada, e nesse ano, a minha mãe, o meu filho e eu fomos para um hotel londrino, a 50% do preço, ceámos peru ou faisão, ouvimos Christmas Carols à lareira, trocámos prendas, e à noite fomos ao teatro ou ver um musical. Sem grande esforço, encontramos sempre vários focos de interesse naquela cidade — livrarias, a belíssima programação de televisão da semana do Natal —, e atenuava-se assim a dor da ausência do meu pai.

A 25, quando está mesmo tudo fechado em Londres, dávamos um passeio, geralmente com sol, e o dia passava-se a ouvir música e a ver televisão. Ao fim dos primeiros três anos, começámos a alugar apartamento, quase sempre em Chelsea, à volta de King's Road, também para poder cozinhar, coisa que tanto o meu filho como a minha mãe fazem muito bem.

Não tenho nenhuma vontade de passar o Natal noutra sítio que não em Londres. Não sei explicar. É a cidade onde me sinto melhor no mundo inteiro. Gosto daquele quotidiano, mesmo que seja para não fazer nada de especial.”

“Passo o Natal em concerto, num Bairro Alto apinhado de gente”

Paulo Furtado



“NÃO TENHO propriamente uma inimizade com o Natal. Aliás, acho que, para as crianças, é e deve ser uma altura mágica... Comecei a desinteressar-me da quadra na minha adolescência, quando a ideia de uma temporada com tudo fechado numa cidade como Coimbra era algo assustadora. Foi nessa época, em meados dos anos 90, que comecei a organizar concertos no Natal, mais na perspectiva de que acontecesse algo de excitante do que como manifesto anti-natalício.

A ideia da obrigatoriedade de as pessoas estarem juntas e darem prendas umas às outras, independentemente do estado de espírito pessoal ou das suas relações, sempre me pareceu um pouco forçada. Seria bem mais interessante e saudável que fizéssemos quotidianamente algumas das coisas que nos obrigamos a fazer nesta época, do ponto de vista familiar, por exemplo... Até 2005, dava sempre um concerto a 24 e a 25, no Porto e em Lisboa. Deixei de tocar a 24 por razões pessoais, mas também porque o público é muito difícil de animar e existe uma tensão pouco saudável no ar. A maior parte das pessoas são homens, e não particularmente bem-dispostos... Actualmente, o Bairro Alto tem uma afluência similar à de qualquer fim-de-semana do ano no dia 25. Em 1999, quando dei o primeiro concerto na Zé dos Bois (no Bairro Alto, em Lisboa), vieram umas 50 pessoas. Agora, está sempre esgotado com uma semana de antecedência... Seja um sinal dos tempos ou da decadência do Natal, é com certeza mais divertido...”